



SÓCRATES E A FILOSOFIA CLÍNICA

Luiz Fernando Bandeira de Melo¹

Resumo

Este artigo pretende apontar as semelhanças entre a metodologia da Filosofia Clínica e a filosofia e a vida do filósofo grego Sócrates, considerado o pai da Filosofia ocidental. Para tanto, serão expostos brevemente os métodos criados por Lúcio Packter à luz do famoso ateniense.

Palavras-chave: Sócrates, Filosofia Clínica, Lúcio Packter.

Abstract

This article points to the similarities between the method of Clinical Philosophy and life and philosophy of the Greek philosopher Socrates, considered the father of Western philosophy. For this, we briefly exposed the methods created by Lúcio Packter in the light of the famous Athenian.

Keywords: Socrates, Clinical Philosophy, Lúcio Packter.

1. Introdução

Ao estudarmos a vida e a filosofia que os historiadores relatam de (sobre) Sócrates, poderemos inferir diversas congruências com a metodologia da Filosofia Clínica. A abordagem pretendida neste trabalho não tem o objetivo de mostrar igualdades inequívocas entre o método filosófico de Sócrates com a Filosofia Clínica, mas, de forma simples, trazer algumas semelhanças entre esses métodos que podem ser discutidas e analisadas pelos seus leitores e especialistas do assunto.

Para expor o que se pretende, esse trabalho apresentará um esboço do que é a Filosofia Clínica, quais os métodos e sistemas utilizados, e como Lúcio Packter, seu idealizador, catalogou as diversas formas de ver e analisar o comportamento do homem. Além desse conciso sobre a Filosofia Clínica, a vida de Sócrates encontrada nos historiadores estará discorrida também, de forma consolidada, em eventos mais significativos que seus discípulos narraram.

¹ Especialista em Filosofia Clínica – IMFIC.



Finalmente o trabalho apresentará alguns pontos de coincidências encontradas entre os dois métodos, que buscam a análise do comportamento do homem, e isso já é uma das congruências existentes, ambos procuram dirimir dúvidas nos conceitos definidos pelos seus participantes, sejam eles partilhantes na Filosofia Clínica ou interlocutores de Sócrates em seus diálogos descritos por Platão.

2. A Filosofia Clínica

A Filosofia Clínica como sendo: “O uso do conhecimento filosófico à psicoterapia; a atividade filosófica aplicada à terapia do indivíduo; as teorias filosóficas empregadas às possibilidades do seu humano enquanto se realiza por si mesmo” é a sua mais adequada definição que se encontra no Caderno A do Curso de Especialização em Filosofia Clínica de Lúcio Packter, e só apresenta sentido quando relacionada à pessoa dentro de um exercício de psicoterapia, ou seja, a utilização do conhecimento filosófico para a prática terapêutica em benefício da saúde humana.

A Filosofia Clínica usa os conceitos da filosofia acadêmica para, através de interseções e diálogos entre o filósofo clínico e seu “paciente” (partilhante) obter resultados que poderão reorganizar os pensamentos e comportamentos no contexto em que este vive e melhorar de forma geral a sua saúde mental. Essa melhora não acontecerá pela eliminação de seus problemas físicos ou mentais, mas pelo entendimento racional das dificuldades que se apresentam em sua vida, compreendendo assim, os diversos choques estruturais e conceituais que originam tais problemas.

Através de uma coleta de dados, que acontece durante as diversas sessões, o filósofo clínico documenta a história da vida do partilhante, levando em consideração o contexto temporal a que se refere cada evento descrito, buscando analisar de forma metodológica as dificuldades que podem estar causando ou ter causado a queixa trazida pelo partilhante como problema principal, e para isso são usados vários métodos específicos como: *historicidade; fenomenologia; empirismo; analítico da linguagem; epistemologia;* e outros que ajudam na obtenção de resultados satisfatórios para a melhora mental do partilhante. A lógica formal é um dos métodos utilizado pelo filósofo clínico para organizar o pensamento do partilhante, que apresenta linguagens conceituais próprias aos conhecimentos empíricos de lembranças fenomenológicas que sua vida apresentou em diferentes contextos.

Para realizar o trabalho terapêutico, o filósofo clínico inicialmente colhe através dos depoimentos programados pelas reuniões, normalmente semanais, a história da vida



do partilhante para estabelecer o que Lucio Packter chamou de “Estrutura de Pensamento” (EP), que é o modo como a pessoa está no ambiente em que vive, existencialmente. A cada instante essa EP modifica-se conforme o *assunto*, a *circunstância*, o *lugar*, o *tempo* e o *relacionamento*, sendo esses parâmetros os aspectos das “categorias” definidas por Packter.

No desenrolar das sucessivas sessões terapêuticas, o filósofo clínico observa modificações no perfil do partilhante de forma emocional, ética, espiritual, educacional, comportamental e material, entre outras, que precisam ser investigadas para que possa conduzir a terapia de forma organizada. Essa necessidade foi prevista também por Lúcio Packter que sistematizou trinta tópicos de utilização inevitáveis, para o entendimento da Estrutura de Pensamento que o partilhante apresenta constantemente alterada.

Os tópicos sistematizados por Lucio Packter são: Como o mundo parece; O que acha de si mesmo; Sensorial & Abstrato; Emoções; Pré-juízos; Termos agendados no intelecto; Termos universal, particular e singular; Termos unívoco e equívoco; Discurso completo e incompleto; Estruturação de raciocínio; Busca; Paixões dominantes; Comportamento & Função; Espacialidade/inversão – recíproca de inversão, deslocamento curto e longo; Semiose; Significado; Padrão & Armadilha conceitual; Axiologia; Tópico de singularidade existencial; Epistemologia; Expressividade; Papel existencial; Ação; Hipótese; Experimentação; Princípio de verdade; Análise da estrutura; Interseções de Estruturas de Pensamentos; Dados de Matemática Simbólica; e Autogenia.

Na busca de melhor entendimento da historicidade do partilhante, de maneira a reorganizar contextualmente sua Estrutura de Pensamento, Packter elaborou trinta e dois procedimentos que chamou de submodos, com os quais o filósofo clínico pode avaliar as maneiras como o partilhante expressa seu comportamento. Esses submodos associados às categorias existenciais se complementam e possibilitam incontáveis alternâncias que contribuem na terapia para a descoberta das nuances comportamentais do partilhante.

São estes os submodos catalogados por Lucio Packter: Em direção ao termo singular; Em direção ao termo universal; Em direção às sensações; Em direção às ideias complexas; Esquema resolutivo; Em direção ao desfecho; Inversão; Recíproca de inversão; Divisão; Argumentação derivada; Atalho; Busca; Deslocamento curto; Deslocamento longo; Adição; Roteirizar; Percepcionar; Esteticidade; Esteticidade seletiva; Tradução; Informação Dirigida; Vice-conceito; Intuição; Retroação;



Intencionalidade dirigida (filtro); Axiologia; Autogenia; Epistemologia; Reconstrução; Análise indireta/função – ação, hipótese e experimentação; Expressividade; e Princípios de verdade.

Com essas ferramentas disponibilizadas por Lucio Packter, o filósofo clínico está pronto para compreender a maneira existencial do partilhante, saber como ele conhece, sente, percebe e vivencia o que se passa em sua vida, na busca terapêutica de melhorar sua saúde mental.

3. Sócrates

No período considerado por historiadores como clássico da filosofia grega, nasceu no ano de 470 ou 469 a.C. no subúrbio Alopeke de Atenas, Sócrates trouxe para a idade contemporânea dúvidas a respeito da sua filosofia, do seu modo de vida e, inclusive da sua própria existência, hipótese esta não considerada relevante para esse trabalho. Essas dúvidas são devido a inexistência de escritos seus, tornando-se apenas conhecido pelos diálogos de Platão (seu discípulo), pelas comédias de Xenofonte e alguns escritos de outros filósofos chamados menores. A principal referência de sua existência é o processo que foi protagonista como réu, sendo acusado de corromper menores, ser ateu e criar novos deuses para a religião grega. Nesse processo Sócrates foi condenado a beber cicuta, veneno que o levou à morte.

Sócrates viveu numa Atenas com uma média de cem mil habitantes, num território de aproximadamente mil e duzentos quilômetros quadrados que representava a cidade de maior importância cultural da região, tendo as artes e a filosofia como destaque no cenário aristocrático, que era o poder dominante da época se tornando um importante pólo político e militar da Grécia.

Filho de um artesão chamado Sofronisco que trabalhava para Fídias como decorador de edifícios, e falecido quando Sócrates ainda era jovem, e tendo como mãe a parteira Fenareta, viveu em casa próxima dos amigos Aristides, Tucídides e Críton que o acompanharam em vários momentos da vida filosófica e pessoal, até sua morte em 399 a.C.

Criado de forma aristocrática, com boa educação no Liceu no qual estudou música, balé com muita participação em exercícios físicos e intelectuais, chegando a ser mestre, com muitos alunos de toda a Grécia. Aprendeu a profissão do pai, sem ter a mesma expressão social, mas que foi de importância para a formação dos seus pensamentos ideológicos, quando usava em seus diálogos maneiras de lapidar o



pensamento do seu interlocutor até extrair a verdade sobre o assunto discutido. Tal comportamento socrático também se pode relacionar à profissão da mãe, que como parteira fazia nascer um novo ser; Sócrates fazia nascer novo conceito ou comportamento nele e também nos que interrogava em busca de novos conhecimentos.

Desde cedo mostrou muita coerência nos seus pensamentos e como conhecedor dos ensinamentos de Anaxágoras poderia seguir o raciocínio naturalista pela paixão de conhecer a ciência física que permeou sua primeira fase filosófica, concentrada nos problemas cosmológicos. Em torno de trinta e oito anos de idade mudou seu foco de pesquisa filosófica por conta de uma suposta crise existencial ao receber de seu amigo de infância Querefonte a informação que um oráculo havia dito que ele era homem mais sábio da Terra. A partir desse evento Sócrates se dedicou a descobrir e provar a mensagem oracular, utilizando para isso busca com políticos, religiosos e artesãos, que representavam as ordens sociais gregas da época, mas tendo como base de seus diálogos a proposta de que nada sabia de nada, ficando por isso, conhecida a sua frase: “só sei que nada sei”.

Passou então a participar de conferências na Ágora, local utilizado por pessoas influentes em Atenas para promover discursos, além de diálogos que se dedicou nas ruas, praças e banquetes, sempre com a intenção de buscar a verdade sobre as coisas, principalmente as virtudes dos homens, pois era esse o caminho que, segundo ele, tornaria o homem mais sábio. Trajava-se sempre com simplicidade, tendo como característica andar descalço, e vivia constantemente rodeado de jovens (alguns se tornaram seus discípulos) que buscavam nas suas ideias um aprendizado para a vida.

Sócrates era um combatente assíduo em suas preleções dos sofistas, pois entendia que seus discursos eram distorcidos pelo interesse que tinham devido ser pagos. Mantinha entre seus admiradores e alunos constantes, jovens que o acompanhavam que se tornaram conhecidos na Grécia, tais como: Alcebíades e Crítias – políticos; Cármides – historiador; Xenofonte – poeta; Platão, Aristófanes e Euclides – filósofos que criaram escolas próprias.

Há relatos de seus discípulos que Sócrates participou de incursões militares como a batalha de Potidéia (432/429), na guerra do Peloponeso, em que atuou como *hoplita*, um soldado de infantaria juntamente com Alcebíades, inclusive demonstrando uma resistência física incomum ao permanecer durante a noite toda descalço na neve defendendo seu posto militar. Há relatos ainda de sua participação aos quarenta e seis anos na guerra entre gregos e tebanos, na batalha de Délío, juntamente com Laques,



defendendo sua pátria natal com bravura. Após essas participações militares Sócrates casou-se aos cinquenta e seis anos de idade com Xantipa, uma mulher dita como temperamental, tendo com ela três filhos chamados de Lamprocles, Sofronisco e Menexeno.

Em 406 a.C. Sócrates foi presidente do Tribunal da Pritonia, impedindo em sua atuação, a corrupção no meio político, e esse comportamento inflexível trouxe inimigos entre os atenienses. A partir de 408, Atenas passou a ser dominada por Esparta, sendo dirigida pelos “trinta tiranos”, período que Sócrates passou a ser inconveniente, aproveitando-se para isso Anito, para conspirar um processo contra ele, gerando uma defesa em júri popular (costume da época) que se tornou conhecida na história da filosofia, principalmente pelo diálogo escrito por Platão denominado “A Apologia de Sócrates”, resultando deste processo sua execução.

4. Sócrates e a Filosofia Clínica

Ao lermos o mínimo da biografia de Sócrates acima, estamos utilizando um dos métodos da Filosofia Clínica, evidentemente sem a menor pretensão de pormenorizar detalhes da vida socrateana, mas a *historicidade*, de forma generalizada, observa alguns dos eventos da vida de Sócrates, possíveis de se conhecer através dos historiadores da filosofia antiga.

Sócrates revela sua ânsia pelo conhecimento da harmonia que o Universo proporciona para quem pretende estudá-lo, intensificando sua curiosidade humana sobre a origem, grandeza, temporalidade e o funcionamento desse Universo que desafia a todos para entendê-lo. Nessa busca Sócrates percebe sua fragilidade diante da grandeza de *como o mundo lhe parece* e admite sua ignorância diante um ser superior a tudo e a todos que é Deus.

A partir dessa assumida ignorância diante da realidade da Natureza e por conta da revelação oracular de que ele era o mais sábio dos humanos, Sócrates, coerente com seu raciocínio e convicção de que nada sabe a respeito das coisas, começa a dialogar com pessoas, que no seu entender eram conhecedores de assuntos específicos como religião, política e arte, no propósito de nesses diálogos, descobrir verdades universais que pudessem conceituar principalmente as virtudes do homem. Para isso ele pratica uma metodologia com o uso de *interrogatórios* intensos em busca do conhecimento do seu interlocutor, método que também é utilizado na Filosofia Clínica de maneira menos incidente.



O método socrático usa o silogismo como importante sistema de análise de uma verdade. O silogismo é composto basicamente de duas ou mais frases que contém proposições que determinam uma última conclusiva em relação às primeiras. Nessa conclusão está contida uma afirmação sobre determinado conceito preestabelecido ou a sua refutação.

Com esse método de conclusões sucessivas que são definidas durante o diálogo que Sócrates conduz com seu interlocutor, o conhecimento sobre o assunto em debate, que foi iniciado por Sócrates com a pergunta *o que é X?* (sendo esse X normalmente uma virtude como, por exemplo, a piedade) vai sendo aprimorado chegando o final da conversa a uma situação em que seu interlocutor encontra divergência da sua própria definição que deu origem ao diálogo ao responder o que é X. A conclusão do diálogo protagonizado por Sócrates leva ao interlocutor admitir ou não sua ignorância sobre o assunto pesquisado, tendo com essa postura, oportunidade de rever seu comportamento diante das situações que aquela virtude discutida é observada na sua vida.

Além do silogismo, Sócrates utiliza a *epagôgê* em que exemplos são dados por Sócrates a respeito de determinado conceito discutido e com as respostas positivas ou negativas que esses exemplos são interpretados pelo interlocutor, é possível concluir sobre a definição discutida no diálogo, considerando-a verdadeira ou contraditória.

O método usado por Sócrates assemelha-se a alguns tópicos determinantes no tratamento terapêutico da Filosofia Clínica.

Como o mundo parece: A pergunta que Sócrates faz no início do diálogo, incita o interlocutor a discorrer sobre como uma virtude lhe parece e isso se assemelha às indagações do Filósofo Clínico a respeito de vários conceitos que são levantados na terapia do partilhante.

Enraizamento: É através de *enraizamentos* que o Filósofo Clínico busca racionalizar o pensamento do partilhante para que ele próprio possa verificar seus conceitos, assim também Sócrates procura melhor entendimento do assunto pretendido em seu diálogo, com perguntas sobre o conceito do interlocutor.

Pré-juízos: Lucio Packter no Caderno B de seu curso de “Especialização em Filosofia Clínica”, na página 29, define esse tópico como sendo “verdades subjetivas que habitam a pessoa e que a acompanham quando experiência a vida”. Sócrates mostra os pré-juízos do interlocutor, ao rever pelo método do silogismo, inverdades nos seus conceitos.



Termos agendados no intelecto: Ao observar os pré-juízos decorrentes dos conceitos equivocados que o interlocutor definira, Sócrates mostra que muitos deles estão vinculados a conceitos anteriormente relacionados em seu próprio intelecto devido a experiências que não definem a verdade da virtude analisada. Da mesma forma o Filósofo Clínico observa nos termos agendados no intelecto do partilhante que se tornaram comum na sua fala, mas que pode trazer distorção no entendimento racional de determinados conceitos de sua vida.

Termos universal, particular e singular: A preocupação principal de Sócrates para a resposta do interlocutor é se ela revela uma definição universal para o conceito pesquisado, pois ela deve atender todas as possíveis situações que a vida possa proporcionar para aquela virtude. O Filósofo Clínico não tem essa preocupação, mas procura separar os termos que o partilhante usa em universal, particular e singular, pois dessa forma terá melhor visibilidade sobre o que o partilhante declara na sua historicidade.

Estruturação de raciocínio: Esse tópico da Filosofia Clínica é o que observamos em todo o diálogo que Sócrates conduz na busca de verdades. Sem a sequência lógica no raciocínio tanto o Filósofo Clínico como Sócrates terão dificuldades, pois ele abrange inclusive, a decisão de continuar ou não a terapia ou o diálogo.

Busca: É a busca que incentiva Sócrates em manter seus diálogos e essa busca é eminentemente intelectual, através dos conhecimentos de seu interlocutor. Na Filosofia Clínica o Filósofo Clínico observa duas buscas que o partilhante demonstra em sua pesquisa, a somática e a intelectual, mas na grande maioria das vezes é a busca intelectual que se sobrepõe à busca somática.

Significado: Nesse tópico o Filósofo Clínico observa os significados que o partilhante o modo, o sentido que o partilhante dá as suas experiências. Para Sócrates o significado que o interlocutor entende suas experiências é determinante em seu método de busca, pois para esse significado Sócrates apresenta exemplos na utilização da *epagôgê* que podem refutar ou não a definição em questão no diálogo.

Axiologia: Para Lúcio Packter, a axiologia “nos mostra o que é importante à pessoa, quais os critérios desse valorar, os motivos subjacentes às palavras, a estruturação do valor que leva alguém a preferir X ou Y”. (Caderno E de seu curso de Filosofia Clínica). Sócrates ao buscar o entendimento de uma virtude, procura dialogar com pessoas que possuem determinada valoração social a respeito do assunto pretendido e é assim que ele usa a axiologia para escolher seu interlocutor.



Papel Existencial: Da mesma forma que o Filósofo Clínico observa como a pessoa se denomina, qual seu rótulo ou qual papéis ela representa na vida, no intuito de melhorar o conhecimento de si mesmo na terapia, Sócrates, ao entrevistar seu interlocutor tem em mente o papel que ele representa na sociedade e por sua representatividade pode ter conhecimentos mais aprimorados a respeito do tema proposto para o diálogo.

Epistemologia: Durante a análise da Estrutura de Pensamento encontramos esse tópico que define como a pessoa conhece o que diz conhecer e o Filósofo Clínico verifica esse conhecimento que pode ser do próprio partilhante, com suas experiências, ou adquirido de experiências alheias, da mesma forma pesquisada por Sócrates.

Hipóteses: As tentativas que o partilhante faz para resolver seus problemas somáticos ou morais são as hipóteses que o Filósofo Clínico amalha para possibilitar uma terapia adequada ao partilhante. Enquanto isso, Sócrates observa as diversas hipóteses que seu interlocutor apresenta para as definições do conceito analisado, através do método questionado que utiliza, para a melhor solução conceitual da sua busca intelectual.

Princípios de Verdade: O Filósofo Clínico usa esse tópico para fazer uma leitura de como é entendido corretamente o comportamento contextual político, social, religioso, entre outros, para buscar a melhor maneira que o próprio partilhante usará para si mesmo. Observa-se que Sócrates usa uma análise contextual sobre os conceitos discutidos, procurando o princípio de verdade que mais se apropria à definição da virtude questionada.

Autogenia: Na autogenia o Filósofo Clínico busca traduzir como se relacionam entre si os tópicos que aparecem durante as abordagens com o partilhante, verificando aqueles que estão em choque ou sobrepondo-se em relação aos demais, para conduzir da melhor forma a terapia. Sócrates também fazia a autogenia no fim do diálogo, observando os diversos conceitos propostos pelo interlocutor para ter uma definição apropriada para a virtude em questão.

Assim como os Submodos da Filosofia Clínica são importantes para ajudar a caracterização do raciocínio do partilhante dentro de um determinado tópico de sua Estrutura de Pensamento, Sócrates usava de várias observações específicas para entender o raciocínio que seu interlocutor apresentava durante o diálogo, isso o ajudava a concluir cada uma das definições que era discutida durante a pesquisa.



5. Conclusão

Esse trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto nem tornar o exposto como verdade absoluta, por isso mesmo que não estão elencados todos os tópicos e não se encontra relacionado a maneira que os submodos da Filosofia Clínica usa e que podem ser vinculados ao método socrático de intervir com interlocutores em busca da verdade.

Mostrando que alguns tópicos da Estrutura de Pensamento elaborada por Lúcio Packter para uso na terapia podem ser relacionados com a forma que Sócrates pesquisava a verdade junto aos representantes de Atenas de diversos setores sociais, pode-se deduzir que aqueles interrogados de Sócrates podem ter recebido os primeiros tratamentos terapêuticos que hoje conhecemos como Filosofia Clínica.

Assim como os “atendidos” pelos filósofos clínicos tem o objetivo de eliminar dificuldades pessoais de relacionamento, problemas de vícios, situações somáticas e intelectuais, obtendo grande parcela de êxito no seu intento ao rever seu comportamento contextual através da Filosofia Clínica, Sócrates também pode ter mudado a vida de alguns de seus interlocutores quando de forma filosófica buscava a verdade de algumas virtudes.

A busca da verdade de virtudes e de comportamentos é um dos mais interessantes meios para o homem rever seus próprios entendimentos sobre os conceitos que contextualizam sua vida, oportunizando dessa forma a melhoria de si mesmo na eliminação dos seus vícios materiais e principalmente morais.

Referências Bibliográficas

PACKTER, Lucio. **Cadernos de Filosofia Clínica**. Porto Alegre/RS. Instituto Packter, 1997.

SAUVAGE, Micheline. **Sócrates e a consciência do homem**. Tradução de Ruy Flores Lopes. Rio de Janeiro/RJ, Agir, 1959.

VOSS, Tarcísio. **Sócrates e sua contribuição à terapia filosófica**. Brusque/SC, 1962.